

o crime, os comentários que despertou, a larga repercussão alcançada, deram extraordinário relevo ao caso. A frase do jornalista — “morre um liberal mas não morre a liberdade” — foi glosada por toda a parte⁽⁷⁶⁾. Estavam abertos, daí por diante, todos os caminhos que levariam ao Sete de Abril, em que a imprensa liberal, e destacadamente a de esquerda, teria papel principal. À frente dela, o *Repúblico* comentou o crime em três números seguidos, os de 19, 20 e 21 de dezembro. Acusado pelo promotor e pelo procurador da Coroa perante o Tribunal do Júri, Borges da Fonseca foi absolvido, a 17 de janeiro de 1831, e “a assistência de mais de 200 pessoas, depois da leitura da sentença, prorrompeu em vivas à Constituição, à liberdade de imprensa e ao artigo sobre a federação”, como noticiou a *Aurora Fluminense* em seu número de 19.

A imprensa vinha se desenvolvendo na medida em que o problema político se tornara mais agudo. Em 1825, haviam aparecido *O Universal*, editado em Ouro Preto, sob a orientação de Bernardo Pereira de Vasconcelos; *O Grito da Razão na Corte do Rio de Janeiro* e *O Triunfo da Legitimidade contra Facção de Anarquistas*, de que apareceram catorze números, entre 9 de dezembro de 1825 e 28 de janeiro de 1826, uma das criações do prolífico José da Silva Lisboa. Em 1826, apareceriam a *Astréia*, de papel destacado, e *O Verdadeiro Liberal*, redigido por Pierre Chapuis, além da revista intitulada *Jornal Científico, Econômico e Literário*, de José Vitorino dos Santos e Sousa, que publicou apenas três números. Em 1827, surgiram, em S. João d’El Rei, dois jornais, *O Astro de Minas* e *O Amigo da Verdade*, o primeiro redigido por Batista Caetano de Almeida e que durou até 1839; em S. Luís do Maranhão, outros dois, *O Farol Maranhense* e *A Minerva*, o primeiro redigido por José Cândido de Moraes e Silva e que teve segunda fase, em 1832 e 1833, quando foi dirigido por João Francisco Lisboa, o segundo dirigido por Davi da Fonseca Pinto, circulando de 29 de dezembro de 1827 a 5 de março de 1829; no Rio, apareciam a famigerada *Gazeta do Brasil*, com que se destacou João Maria da Costa, e a revista *O Propagador das Ciências Médicas ou Anais de Medicina, Cirurgia e Farmácia*.

(76) “Dera João Hilário à filha educação apurada, instruindo-a não só no conhecimento de todas as línguas vivas, como nas artes da música, da pintura e do desenho. E legara-lhe, sobretudo, uma esplêndida formação moral, pela cultura e pelo exemplo. Oficial da Guarda Imperial, tinha por Pedro I verdadeira veneração. Mas, no dia em que o monarca ordenou o assassinato de Libero Badaró, levou pessoalmente ao Paço a sua demissão. E disse-lhe, de viva voz, que assim procedia porque “amara o Príncipe que fizera a Independência de sua terra, mas não podia amar o Imperador que perseguia os patriotas cujo único crime era serem brasileiros”. (Carlos Sussekund de Mendonça: *Salvador de Mendonça. Democrata do Império e da República*, Rio, 1960, pág. 15).